

Apresentação

Com suas resenhas, suas páginas centrais de A POESIA É NECESSÁRIA e, agora, com os atos da Diretoria na última página, o BOLETIM DO IHGES chega aos seu 12º número, com o único propósito de manter informados os associados da Casa de Domingos Martins.

O EDITOR

Noticiário

Prefeitura lança bondes de Vitória

A Secretaria Municipal de Cultura lançou mais um volume da sua excelente série Memória Viva. O volume lançado dessa feita teve como tema os Bondes de Vitória, aliás o título do volume. O texto e a pesquisa são de autoria de Luiz Guilherme Santos Neves e Renato Pacheco, e as fotos, de Nilton Pimenta.

Os 80 anos de Jorge Medauar

O poeta Jorge Medauar foi alvo de inúmeras homenagens, em São Paulo, pelo transcurso do seu 80º aniversário. Medauar, que é sócio correspondente do IHGES, nasceu em 15 de abril de 1918, em Água Preta atual município e Uruçuca na Bahia. Integrante da Geração de 45, Medauar publicou *Chuvvas sobre a tua semente*, *Morada de Paz*, *Prelúdios Noturnos* e *Temas de Amor*, *Às Estrelas e aos Bichos*, *Água Preta*, *O Incêndio e Visgo da Terra*.

Centenário de García Lorca

O IHGES, a Casa de Espanha, a Associação de Professores de Espanhol do E. Santo e o Departamento de Letras e Línguas da UFES comemoraram os 100 anos do nascimento do poeta Federico García Lorca. No dia 03 de junho, a professora Edna Parra Cândido proferiu palestra sobre o autor de *Romanceiro Gitano*.

Paulo Herkenhoff

Faleceu em Cachoeiro de Itapemirim o escritor Paulo Estellita Herkenhoff, em 1º de maio. Paulo Herkenhoff era Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Cachoeiro de Itapemirim e da Academia Cachoeirense de Letras. Na sessão e 06 de maio foi registrado voto de pesar por seu passamento.

Castelo homenageia Carlos Campos

A comunidade de Castelo homenageou Carlos Teixeira de Campos com a inauguração de um busto e com o lançamento do livro *Carlos Teixeira de Campos - Vivência, Grandeza e Resplendor*, de autoria de Thomas Jones. As homenagens cobriram o período compreendido entre os dias 19 e 23 de maio, na cidade de Castelo. Carlos Campos foi educador, jurista, professor e poeta, tendo pertencido aos quadros da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, do qual foi Presidente de Honra.

Novos sócios correspondentes

Foram aprovados como sócios correspondentes do IHGES os poetas Jorge Medauar (da Geração de 45), Virgílio López Lemus (Presidente do Instituto de Literatura e Lingüística de Cuba) e Papiniano Carlos (Portugal).

É bom meditar

MEU VELHO CAMARADA E PREZADO AMIGO

TANECO

Quero merecer, de você, suas desculpas, depois de verificar se as mereço, como bons amigos que somos e à luz da compreensão que sempre reinou entre nós dois e sempre esteve presente nos momentos mais difíceis de nossa infância e, porque não? Na juventude.

Presentemente, noto que, apesar de sua constância em relação à nossa amizade, você parece desanimado em determinados momentos; e, por falar em amizade, nada posso dizer sobre esta, porque você continua merecendo, de minha pessoa, todo o afeto, e gratidão por tudo aquilo

que você foi e é, nesta caminhada que ora desponta para o final desta caminhada...

Mas diante do que venho notando, nos últimos tempos, com relação a seu comportamento, não posso deixar de sentir que há algo fora do natural em suas atitudes. Pois você sempre pertenceu à esquerda e sempre procurou manter-se deste lado, em todos os momentos, tanto na infância como na juventude e, mesmo, depois desta.

Hoje, de um momento para outro, joga-se de corpo e alma para a direita, deixando de atender até mesmo a nossa mãe natureza, visto que é ela a

quem devemos este conhecimento.

Medita, meu bom e velho camarada, e sentirá que não devemos desobedecer-lhe sob hipótese alguma. Você há de convir em que deve manter-se à esquerda para este fim de jornada - não que eu o considere subversivo, mas, em respeito, mantenha-se deste lado, como sempre esteve e é seu verdadeiro lugar. Não quero te-lo do outro lado; de joelhos, eu pediria: mantenha-se na esquerda, para felicidade nossa, e, assim, caminharemos, com verdadeiros amigos, porque muito temos a caminhar...

DE TIRA-GOSTOS

MIGUEL DE PES TALLON

Dia desses, sendo mais preciso, numa segunda-feira, achávamos nós, os copanheiros de sempre (atenção, Revisão, é copanheiros mesmos) na tradicional rodinha de bate-bola, jogando conversa fora, quando alguém começou a falar de tira-gostos, elogiando o queijinho do David, que nenhum outro bar até hoje consegui imitar. E, no entanto, o queijinho é de uma simplicidade franciscana. Com a permissão do David, aí vai a receita: pega-se uma porção de queijo parmesão, corta-se em cubinhos, passam-se os cubinhos na farinha de trigo, de trigo, leitor, jamais na de rosca, banham-se os cubinhos por vinte ou trinta segundos no óleo quente, e aí se tem um

tira-gosto simplesmente fantástico. Mas, do queijinho, passou-se para o caranguejo, o melhor do Estado segundo Passarinho e Júnior e, em seguida, para o siri desfiado, que, segundo este imparcial escriba, é também o melhor do Estado (como, leitor? se eu bebo de graça pela propaganda? Claro que não, que no Bar do David não tem disso não).

Aí, é claro, passados em revista os tira-gostos do escritório, outros foram trazidos à baila: batatinha frita, bolinho de bacalhau, torresmo (o do **Canto da Roça** é imperdível), esfiha aberta (a melhor é a do **Said Kibezeza**), pasta de beringela (nenhuma como a do **Julinho Biancucci**), kafta no espeto (impecável a do

Baruk), polpeta (a da **Cantina do Ettore**). Enfim, foram aparecendo tira-gostos da mais variada procedência, até que Julinho, ainda sentado à nossa mesa, em razão do pouco movimento, lembrou-se:

- Ah, e churrasquinho de gato.

- Churrasquinho de gato? - Protestou Ivantir.

Eu ainda me lembrei do João Bonino Moreira, mas deixei para lá, que Juninho nem deu tempo:

- Claro, ou você pensa que em 1986, quando faltou carne de boi durante o Plano Cruzado, o churrasquinho que era vendido ali na esquina do Glória era de boi? Pois, sim.

E nada mais **De** disse, nem lhe foi perguntado.

O ENIGMA DE MARIA ZANOLO (Histórias da imigração Italiana no Espírito Santo)

LUIZ CARLOS BIASSUTI

Bem que os nossos avós quiseram ficar calados para sempre. Historiadores da imigração e das famílias italianas jamais tocaram no assunto. Um silêncio cruel e culposo. Mas tudo que aconteceu no interior capixaba, como por encanto, com a descoberta dos arquivos da imigração, dos jornais, cartas dos religiosos na Itália, foi modificado pelas novas fontes históricas. Apenas, rapidamente Luís S. Derenzi em sua obra, pág. 132, fala em Maria Zanolo e com respeito.

Maria Zanolo nunca seria lembrada se não fosse o arquivo dos Padres Carlitas de Piacenza, Itália, e a documentação do Cônsul Rizzo Rizzeto, ou a visita do Embaixador italiano Arrigo Zetteri em 1902. Riolando Azzi em **A IGREJA E OS IMIGRANTES**, Edições Paulinas, 1987. Vol. I, às páginas 88 e 89, foi o primeiro a descobrir a figura singular de Maria Zanolo, que era uma bela mulher, divorciada e muito inteligente para a época. No meio de uma comunidade bronca, com noventa e cinco por cento de mulheres analfabetas, setenta por cento de homens que mal e mal assinavam o próprio nome, esta mulher evoluída e culta abriu a boca para denunciar o abandono físico e espiritual dos imigrantes.

Maria Zanolo observou que os italianos eram mal tratados pelo governo brasileiro e não tinham nenhum apoio do governo italiano. Escreveu cartas violentas exigindo melhor tratamento. Queria médicos, enfermeiros, professores e padres italianos

para a região de **Matilde, Alfredo Chaves, Virgínia** (hoje Jaciguá) e adjacências. Conseguiu levar para o interior o Cônsul Rizzeto e trazer o encarregado especial do governo italiano, Arrigo Zetteri, até Alfredo Chaves. O certo é que Maria Zanolo tentou com as melhores intenções sacudir o marasmo das colônias.

Ela mesma, montada a cavalo com roupa de couro, revólver na cintura, acompanhada de jovens italianos-brasileiros, saía pelas povoações e fazendas pregando mudanças gerais. Os agostinianos espanhóis denunciaram-na como herege, divorciada, revolucionária. Depois da aliança de Maria Zanolo com o Cônsul Rizzeto, os capuchinhos de **Santa Teresa** também denunciaram ao Bispo Dom Fernando Monteiro (irmão do Governador) que o último (Rizzeto) era jacobino, garibaldino, ateu e espalhava livros ímpios nas colônias. Evidentemente, uma informação errada, pois só uma pequena elite de comerciantes sabia ler...

O que ficou claro pela documentação oficial é que o Bispo Diocesano exigiu a expulsão de Maria Zanolo da comunidade religiosa, como condição preliminar para a vinda de novos padres italianos para a Diocese do Espírito Santo. Os fabriqueiros (presidentes das capelas) receberam ordem de não deixar Maria Zanolo entrar nos templos. Foi vaiada, insultada em público. O Delegado, por "ordem superior", tomou-lhe o revólver e pediu às famílias que não fizessem amizade com a "irmã" ou "sapateira", segundo os apelidos.

No arquivo central da congregação Escalabariana

em Roma, há uma carta de 22 de abril de 1903 do Cônsul Rizzeto interessante:

"Ele (o bispo de Vitória) fez questão de notar que o afastamento da irmã Maria Zanolo da ex-Comarca de Alfredo Chaves é talvez uma necessidade, pois teria ela fomentado em meio aos colonos as idéias de rebelião contra a autoridade eclesiástica... Além disso os colonos, excitados pela irmã, já não escutavam as suas palavras, a fim de seguir apenas os conselhos da mesma... Acrescentou que ele não teria dificuldades em que a irmã residisse mesmo em outras partes do Estado, contanto que renunciasse a querer ingerir-se nas coisas relativas à direção das almas que somente a ele pertencem". (Apud Azzi, obra citada págs. 91/92).

Não havia mais ambiente para a nossa heroína. Com seu velho pai, vendeu a casa e o cavalo de estimação, desaparecendo na multidão da cidade de São Paulo. Assim terminaram as aventuras da nossa feminista que apenas, queria remédios, escola, médicos, padres italianos para seus sofridos patricios.

As idéias de Maria Zanolo eram absolutamente corretas, mas, foram mal interpretadas pelo poder civil e religioso principalmente. Ela, até com santa violência, pregou o direito de cidadania, tão desrespeitado na época.

Nossa "quase Joana Darc" não foi feliz, mas merece uma lembrança.

HOMENAGEM
(1898 - 1998)

Romance Sonâmbulo

FEDERICO GARCÍA LORCA

— Tradução de Paulo Mendes Campos

Verde que te quero verde.
Verde vento. Verde ramas.
O navio sobre o mar
e o cavalo na montanha.
Com a sombra na cintura
ela sonha na varanda,
verde carne, cachos verdes,
com olhos de fria prata.
Verde que te quero verde.
Sob uma lua gitana
as coisas estão mirando-a,
e ela sem poder mirá-las.
Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de orvalho
surgem do peixe de sombra
que abre o caminho da alva.
A figueira esfrega o ventre
com a lixa de seus ramos,
e o monte, gato do mato,
erija ásperas pitas.
Mas quem virá? E por onde?
Ela fica na varanda,
verde carne, cachos verdes,
a sonhar o mar amargo.

— Compadre, quero trocar
meu cavalo pela casa,
dou arreio por espelho,
dou a faca pela capa.
Compadre, venho sangrando

desde as gargantas de Cabra.
— Se eu pudesse, rapazinho,
já era trato fechado.
Porém eu já não sou eu
nem é minha a minha casa.
— Compadre, quero morrer
decentemente em meu leito.
De ferro, se puder ser,
e com lençóis de cambraia.
Vês a ferida que tenho
aqui do peito à garganta?
— Trezentas rosas morenas

leva teu branco peitilho.
Teu sangue ressuma e cheira
em redor de tua faixa.
Porém eu já não sou eu
nem é minha a minha casa.
— Me deixa ao menos subir
até as altas varandas,
me deixa subir, me deixa
até as verdes varandas.
Parapeitos de luar
por onde ressoa a água.

Já sobem os dois compadres
até as altas varandas.
Deixando um rastro de sangue.
Deixando um rastro de lágrimas.
Reluziam nos telhados

uns faroletes de lata.
Mil pandeiros de cristal
feriam a madrugada.
Verde que te quero verde,
verde vento, verde ramas.
Os dois compadres subiram.
O vento longo deixava
um gosto estranho na boca,
menta, fel, manjericão.
— Me diz, compadre, onde está
a tua menina amarga?
Quantas vezes te esperou!
Quantas vezes te esperara,
cara fresca, negros cachos,
aqui na verde varanda.

Sobre o bico da cisterna
balançava-se a gitana.
Verde carne, verdes cachos,
com olhos de fria prata.
Fio gelado de lua
a sustenta sobre a água.
A noite se fez tão íntima
como uma pequena praça.
Alguns policias borrachos
lá fora a porta esmurravam.
Verde que te quero verde.
Verde vento, verdes ramas.
O navio sobre o mar.
E o cavalo na montanha.

Nossos corações pararam...

É uma coisa que raramente sentimos: alegria, e foi isto que senti nos seus olhos, quando me encontrei com você. Há tempos que não nos víamos; mas sabia eu que você vivia, e você sabia que eu continuava entre os vivos; no momento senti o meu coração acelerar a sua marcha, parecia querer romper o meu peito, para ir ao encontro do seu; mas houve um silêncio entre nós dois: eu procurava recordar o passado, e você sentiu, e procurou afastar de mim tal pensamento.

O passado nos traz muita alegria, somente alegria; não temos nada triste de que nos recordar; voltemos ao passado, vamos viver; porque entre nós dois ainda existe uma recordação; e é verdade; todas as vezes que tenho você no pensamento, sinto alegria, é a presença de tudo, porque tudo é você.

Taneco

GUARAPARI*JOSÉ LUGON*

O sol nasce, flutua sobre o mar.
Aquece a serra, a mata, o ar.
É mais um dia de sol e calor
Neste belo rincão, feito para o amor.

Cidade Saúde, como és cantada,
Por tuas peripécias terapêuticas
ficaste caracterizada.
Como é feliz quem aqui mora,
Neste clima ameno, que todo mundo adora.

De tuas praias, Três Praias vem em primeiro,
Setiba em segundo, Enseada Azul e Meaípe em terceiro
E depois a Praia do Morro com suas ondas caprichosas
E a Areia Preta com suas areias famosas.

Para o turista, és um deslumbramento.
Dele, Guarapari, ocupas todo o pensamento.
Tuas águas transparentes, de inigualável beleza,
São o mais belo presente da natureza.

Guarapari, já tens fama internacional,
Pelas tuas praias, tuas morenas, teu carnaval.
Guarapari, quem te conhece,
Volta sempre e jamais te esquece.

Teu luar convida ao amor.
Já conquistaste o poeta e o trovador.
Pedaço de sonho, por tantos decantada,
Guarapari, serás sempre a minha eterna namorada.

SAMBA NA ORELHA DO PREGO*JOSÉ AFONSO DE SOUZA*

Sabe tudo o carpinteiro Zé.
Zé pinta o sete. Zé brinca e borda.
De toc-toc a reco-reco, vai até
Que, com detalhe, entalha a obra.
Zé ritma uma toada dorida
No... reco... reco... rouco do serrote.
Os amores, os sonhos... venturas da vida,
Zé batuca com o martelo... no toc-toc.
Mas... se a orelha do prego Zé decepa,
Na distração que, às vezes, alanha,
E a cabeça o dedo Zé acerta...
Ai ai ai! Sapateia... contorce... se estica...
Sem ser pandeiro, Zé apanha...
Zé geme... sem ser cuíca.

?.?.?.....

TANECO

Quando vejo você
Tenho a impressão
Que já tivemos

Juntos na mesma
Cama – Sonhando...
Será?...

A POESIA É**RUA DO CREPÚSCULO***A. ISAÍAS RAMIRES*

Já não há mais sol
em minha rua.
Ela está ficando vazia
de sonhos e ideais.
Os fantasmas do passado
me perseguem.
E o futuro,
nem sei se existe.
Tudo vai ficando tão triste
e tão só.
Minha rua está ficando vazia.
Vazia e triste.
Rua do Crepúsculo.
Minha rua.

ÉS AINDA O SENHOR*ANTENOR DE CARVALHO*

Volta, portanto, Redentor!
Volta a fazer o milagre dos Pães
E vem abençoar o regaço das mães
E mostrar aos seus filhos que és
ainda o Senhor

DOIS POEMAS DE HERALDO BRASIL*HERALDO BRASIL***NOVO**

Tocas,
grutas,
cavernas
sem saídas,
caminhadas modernas.

PARTIDA

Tempos idos,
dançam amores perdidos,
iludidos,
cova rasa
sob a sombra de um adeus.

NECESSÁRIA

SONATA DE VERÃO

ANTÔNIO MONTEIRO

Para Eliane e Miguel

No laguinho que inventei
 perto das minhas janelas
 os sapos-ferreiros cantam
 sonatas para as estrelas
 pam pam pam pam pam pam ...
 Quando a sombra vai chegando
 na esteira do sol poente
 o espaço acende estrelas
 - tremeluzem as candeias
 na escuridão infinita -
 enquanto a terra gravita
 no lugar que lhe pertence
 num acerto sideral
 pam pam pam pam pam pam ...
 em toada obsessiva
 cantam os sapos-ferreiros
 vão dizendo viva - viva
 à vegetação lacustre
 que embeleza o meu laguinho
 o meu laguinho - canteiro.
 pam pam pam pam pam pam ...
 cantam num coral os sapos -
 - ferreiros por condição
 libertos da hibernação
 - adormecidos no frio
 com saudades do verão.
 pam pam pam

SILÊNCIO

TANECO

Infelizmente, não podemos
 conversar... Não por falta de tempo,
 temos. Por que não aproveitamos?
 Será que em breve teremos tempo
 para conversarmos, trocar idéias,
 pensar em coisas nossa, em nossa
 vida, em um futuro menos castigado?
 Pensemos em nós...
 Sentimos que o bom caminho para
 fim. São as horas e o tempo. que já
 nos dizem.
 Vai longe, bem longe vai o tempo.
 Você era outra. Nossos pensamentos
 se convergiam, e caminhávamos
 juntos em busca de melhores dias.
 Dias esses que sempre nos faltaram,
 dos quais longe, bem longe sentimos
 estar...
 É sempre tarde... E mesmo tarde,
 estou a esperar coisa que mesmo
 tarde não tenho carinho...
 Caminhemos. Não é a vida que
 esperávamos; mas, mesmo assim é
 bem vinda.

[DE BAR EM BAR ACABA A MADRUGADA]

BITH

de bar em bar a madrugada
 nenhum barulho sai das padarias
 marias terezas anas marílias
 todas por si, por vezes, uma em cada

meio-fio, meia lua – e tonto
 esperando algum poema chegar
 o poeta fica no seu lugar
 assim, irreversivelmente, pronto

ah, vã desventura do sofrimento
 sempre maior a cada vã momento
 em que a eterna, vã, esquina escura
 nada traz para o poeta tristonho

na luta com o branco total do sonho
 dorme no chão da poesia pura

REMORSO

OSMAR BARBOSA

(do livro "INSPIRAÇÕES DO CREPÚSCULO)

Meu Padre - geme o pobre moribundo -
 Afasta-te de mim que um crime horrendo
 Há de levar-me ao pélogo profundo,
 Junto à desdida com que estou morrendo.

Triste suspiro e triste adeus ao mundo!
 Quanto pavor num ápice tremendo!
 O olhar do exasperado tem no fundo
 O que viveu no espírito escondendo.

Mas - pergunta-lhe o Padre - que desgraça
 e que crime tão grande hás praticado
 Que até receias o óbulo de graça?

Responde o organizante arrependido;
 foi o crime de nunca ter amado
 e a desgraça de nunca ter sofrido



Resenha Bibliográfica

**Renato Pacheco**

Braga, Rubem - Casa dos Braga. Memória de infância - Rio. Record. 1997.

O inexcédível cronista Rubem Braga, glória de Cachoeiro de Itapemirim e do Espírito Santo, enquanto tenha falecido em 1990, continua na ordem do dia, através da reedição, em formato elegante, pela Editora Record, de muitas de suas melhores crônicas. Para nós, dos textos já editados, o que mais perto nos toca é a **Casa dos Bragas**, reminiscências da infância que reproduzem muito das **Crônicas do Espírito Santo** editadas pela UFES, através da Fundação Ceciliano Abel de Almeida.

O pequeno grande livro já foi adotado em diversos colégios da região sudeste, e é bom que o seja, pois as novas gerações, assim, poderão tomar contato com um dos maiores estilistas da língua portuguesa, no século XX.

São reproduzidas as famosas crônicas (3) sobre as vizinhas Teixeira e aquela sobre o cachorrinho Zig. Há lembranças de árvores, a grande paixão do Braga, ecólogo antes do tempo, como aquelas que nos dão romãs, caju e pitangas.

Entre todas, a mais lírica das crôni-

cas de profundo sentido moral (e nisto concordamos com a irmã do escritor, D. Gracinha de Abreu) é o "Compadre pobre" que todo ano mandava, pelo trem, caixa com ovos para o compadre da cidade, os quais, em sua maioria, chegavam quebrados, para alegria do Rubem e do irmão Newton, principalmente diante da advertência: "Cuidado, é ovos". E, o velho Tabelaio Braga dizia: "Com pobre a gente tem de ser muito delicado, meu filho", extraordinária lição de vida.



Rezende, Pedro Borges - O Juiz, esse injustiçado - Itaperuna, SEA, 1997.

O grande Juiz Pedro Borges de Rezende publica, agora, seu segundo livro: **O Juiz, esse injustiçado**. O prefácio é de nosso consócio Pedro Teixeira.

No texto que abre o livro, de 1997, com pós-escrito de 1997, o A. transcreve pensamento de Milton Campos, em "Toga e Pecúnia", do livro **Testemunhos e ensinamentos** no qual o assunto ven-

cimento da magistratura é superiormente versado.

Em justiça e Polícia, são estudadas algumas causas da violência. Seguem-se as crônicas "O Juiz, as cobras e outros bichos", "Juiz, Pedra e fogo", "Um juiz não subversivo" e dois temas de natureza jurídico-administrativa, em que o autor luta por direitos que lhe foram negados.

Por motivos de foro íntimo, Pedro Borges de Rezende se aposentou muito cedo, recolhendo-se a um isolamento feliz, na sua terra natal, São José do Calçado. Oxalá o ilustre magistrado nos brinde com outros livros, numa comprovação dos méritos que todos lhe reconhecemos.



Kill, Miguel A. - Terra capixaba. Geografia & História - Vitória, 1998.

Nosso consócio, Miguel Arcaño Kill, licenciado em geografia e mestre em educação, professor universitário com largo tirocínio, desde 1974 se lançou à aventura intelectual pioneira de escrever e editar livros didáticos sobre nossa geografia e história, destinados ao 1º e 2º graus.

O livro recém-lançado consta de partes geográfica (localização e aspectos naturais e ecológicos) histórica, economia e sociedade, com 10 anexos de real interesse, como o dos manguezais e o êxodo rural. Completam o livro glossário e bibliografia.

A obra contou, para ser editada, com apoio da Prefeitura Municipal da Serra, companhia Siderúrgica de Tubarão e Criativa Propaganda. O texto é correto e adequado, e o tratamento gráfico apurado.



Berredo de Menezes, Ferdinand. - Ladainha do exílio - Vitória, 1997.

Berredo de Menezes, Ferdinand. - O sol das águas - Vitória, 1998.

Na bela tarde de autógrafos que o Instituto promoveu, a 8 de abril, nosso poeta Berredo de Menezes relançou **Ladainha de exílio** e lançou **O sol das águas**.

Não resta nenhuma dúvida que Berredo de Menezes está na linha de frente de nossos poetas, o que tem sido reconhecido, nacional e internacionalmente.

O primeiro livro é uma "tentativa de resgatar a dívida com a terra e com os amigos a quem os poemas são dedicados". O prefácio é do poeta maranhense Nauro Machado.

Berredo de Menezes é capixaba de coração, há quase meio século. Não se esquece, porém, de sua terra natal, o Maranhão de tão formosas letras.

Ao longo de sua vida atribulada de professor universitário, advogado e político, produzia boa messe de pura e cristalina poesia, tirada de fonte inesgotável, nascente de rio caudaloso, com oito livros publicados e muitos e muitos a publicar, inclusive de contos e romances.

Esta é uma longa ladainha, numa liturgia de amor, seguida de luminosos pequeninos poemas em prosa e um último dedicado a São Luís, onde "sonhar é ga-

nhar asas de silêncio, pousando em luz, no Cais da Sagração".

O segundo livro, **O Sol das águas**, foi intuído entre o mar e a montanha. Carlos Nejar, na orelha do livro, nos fala em "vocações que se nutrem, deleitosamente, da luz, como Berredo de Menezes, que se impõe como importante e nova voz da poesia contemporânea."

São poemas oníricos sem os desvios sombrios dos sonhos. Pelo contrário são luminosos. Estamos diante do Poeta.



Fonseca, Zoel. - Ao apagar das luzes - Vitória, Cidarts, 1992.

Fonseca, Zoel. - Impostura. O sinistro perfil do Dr. Benevides - Vitória, Cidarts, 1994.

Nosso consócio Zoel Fonseca lançou, há algum tempo, dois bons romances que se completam: **Ao apagar das luzes e Impostura**.

Como, na época, não houve ampla divulgação sobre os livros, merecedores de nossa leitura e estima, aproveitamos o relançamento, na já referida Tarde de Autógrafos de 08/04/98, das obras para tecer, sobre elas, algumas considerações simples, mas que objetivam realçar-lhe os méritos, inclusive para o pesquisador de nossos costumes médicos.

Embora o primeiro livro possa situar-se dentro da chamada literatura fantástica, de que os latinos somos mestres, contém ele diversos episódios reais, curiosos e humorísticos, como "dançando em corda bamba". Do mundo real são também as personagens Mariazinha, o dentista Dr. Freitas, o médico Mascarenhas, um alter ego do

A.?

Também não faltam ao livro episódios trágicos, como os relatados no capítulo 10 e 11. Enfim, somos postos diante de uma empresa circense, o grande circo mágico, com todas as dificuldades do constante ir-e-vir, as quais não nos levam ao "mistério do supremo instante" pois este, o autor o diz bem "permanece obscuro e indevassável".

No segundo romance, igualmente bem urdido, o texto se fixa nos anos 50, dando-nos um relato autobiográfico. Voltamos a ter contato com o Dr. Mascarenhas, "um eterno estudioso da psicologia comportamental humana".

O livro relata bem a vida de cidade do interior.

A personagem que dá nome à obra é o Dr. Joaquim da Silva Benevides, figura múltipla de médico e delinqüente, homem de duas faces ou mil faces.

Nas páginas 45 a 47 há o registro

importantíssimo para a antropologia cultural da chamada apendicite remunerada, de elevado interesse para a história da medicina em nosso Estado, no conturbado período que se seguiu à 2ª guerra mundial, em nossa zona interiorana, o qual é fixado pormenorizadamente.

Outro aspecto interessante a ser rastreado é o do chamado hoje "assédio sexual" em hospitais e consultórios médicos.

O livro tem também o valor de um bom romance policial, ao menos no episódio final, que é o clímax do enredo.

São dois romances que não tiveram, à época de seu lançamento, a repercussão que deveriam ter tido (falta da vaidade marqueteira?) mas que se completam e que merecem lidos.



**Vivacqua, Eunice. - Salão Vivacqua. Lembrar para lembrar
Belo Horizonte - Fundação João Pinheiro, 1997**

Dentre os livros que a Fundação João Pinheiro editou em homenagem ao centenário de fundação da Capital Mineira (e foram muitos) um toca nosso coração capixaba: é o lírico texto de D. Eunice Vivacqua, bem escrito, graficamente impecável e fartamente ilustrado.

D. Eunice nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, em 1916. Aos quatro anos, a família se mudou para Belo Horizonte, em busca de tratamento médico para o poeta Achilles Vivacqua, então com 20 anos. Passaram a morar num casarão da rua Gonçalves Dias, 1218. Achilles foi líder do modernismo em Minas, tendo fundado com Guilhermino Cesar e João Dornas Filhos revistas de vanguarda e faleceu em 1942. D. Eunice se tornou restauradora de bens culturais e pesquisadora da iconografia religiosa.

As moças Vivacqua, vindas de Cachoeiro, que era (e é) importante

centro cultural sacudiram o marasmo mineiro, com sua simpatia, sua curiosidade intelectual, sua educação primorosa e sua falta de carrancismo, como diria, mais tarde, Pedro Nava.

Passaram a reunir rapazes e moças da cidade, em "assustados", reuniões sociais e intelectuais, a que compareciam João Dornas Filho, Milton Campos, Abgar Renault, Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, entre muitos outros.

Drummond disse num poema:
"Garotas de Cachoeiro civilizam
nosso mineiro burgo relaxada
o que por si só já é uma glória.

O livro contém prefácios de Roberto Borges Martins, Lais Correia de Araujo e pós-fácio de Fernando Correia Dias. Além de um recado inicial, consta de as estações pretéritas; uma pausa; as fiandeiras da memória; o compasso dos amores-perfeitos no vai-

e-vem das cores; um episódio insólito (um incêndio que teria sido iniciado por Nava); as tessituras dos "assustados" e as estações do presente.

A descrição dos "assustados" e dos preparativos mercede uma leitura pelo muito que de história social dali se depreende: dezenas de licores, "home-made", feitura de cartõezinhos de contadaças, e os doces: suspiros, bombocados, queijadinhas, casadinhas, mãe-bentas, quindins, dedos-de-moça, tarecos, sequilhos, brevidades, alfenins, amanteigados e muitos mais faziam a delícia dos convidados.

Finalmente D. Eunice Vivacqua dá um recado a nós capixabas tão pouco amantes de nossa terra: "Não consigo diferenciar a intensidade de meu bem-querer por Cachoeiro de Itapemirim Belo Horizonte, embora sejam diferentes".



ATOS

RESOLUÇÃO Nº 01/98

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, no uso de suas atribuições estatutárias, faço saber que a Diretoria aprovou e eu promulgo a seguinte Resolução:

Art. 1º - A **Coleção Almeida Cousin** passa a ter caráter permanente.

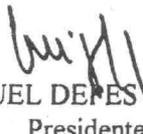
Art. 2º - O custeio das edições correrá exclusivamente à conta dos autores interessados na inclusão de suas obras na dita coleção.

Art. 3º - Uma comissão editorial se responsabilizará pela manutenção da qualidade da coleção.

Art. 4º - As capas obedecerão ao padrão estabelecido nos primeiros 25 números e serão elaboradas pelo consócio João Bonino Moreira.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor nesta data.

Vitória, 04 de Março de 1998.


MIGUEL DE FES TALLON
Presidente

RESOLUÇÃO Nº 01/97

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo faço saber que a soberana Assembléia-Geral decretou e eu sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º - O ingresso de novos sócios neste Instituto reger-se-á pelo seguinte rito:

I - Havendo vaga, o interessado requererá seu ingresso, informando anuir às finalidades do Instituto, após conhecimento dos seus estatutos e juntando **curriculum vitae** e/ou obras publicadas.

II - O requerimento será encaminhado à secretaria, devendo ser endossado por dois sócios efetivos.

III - Em seguida, o Presidente fará a leitura do requerimento em reunião da Diretoria, designando um relator para o mesmo.

IV - Pronto o relatório, este será lido, sendo o requerimento colocado em votação pelo Presidente.

V - A aprovação do ingresso do requerente pela Diretoria deverá ser unânime, sem o quê não será considerado aprovado.

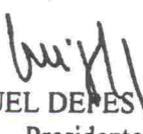
VI - Para a votação de que trata o item anterior, serão computados, além dos votos dos diretores, os dos Presidentes de Honra.

VII - Aprovado o ingresso do requerente pela diretoria, seu pedido será submetido à aprovação da Assembléia-Geral, que, sobre ele, deliberará por maioria simples.

VIII - Aprovado o ingresso do interessado pela Assembléia, sua posse se verificará na sessão solene de junho.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Vitória, 02 de Março de 1997.


MIGUEL DE FES TALLON
Presidente

PORTARIA Nº 01/97

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que dispõe o art. 3º da Resolução nº 01/98

RESOLVE:

Art. 1º - Fica assim constituída a Comissão Editorial da Coleção Almeida Cousin:

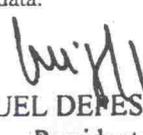
Presidente: Renato Pacheco

Membro: José Hygino de Oliveira

Membro: João Bonino Moreira

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor nesta data.

Vitória, 5 de abril de 1998


MIGUEL DE FES TALLON
Presidente